

**69  
29  
49  
89  
79  
59  
39  
19  
99**

os mais novos dos camaradas, e nunca tínhamos servido senão palhada, pegando algum burro sumido. Eu tinha ouvido falar, que um dia aparecera na cidade sem se saber quem era; i uma vez a conhecê-lo e falamo-nos. Que lhe peca, patrãozinho? incudo, pouco falante e desempenado. Caiu tranco no balanço, Estou com ele diante dos olhos, com aquela roupa de Jeja, tido à cinta um ferro comprido, afiado, grande sempre, lindo do que uma espada. Esse negro me deu medo de se ver, assim com ar de soberbo, de cima para baixo. Parecia querer ar a mão num cabra, o cabra era defunto. Tinha também com outros. Vivia quieto, em seu canto. Um dia, pegaram a díscavo de um homem lá das bandas do Carmimanhá. Chegou Pedro. Para que chegou, meu Deus! O patrão queria que lhe tirasse o chapéu e lhe tomara beber. Daí, do Barqueiro, nome que lhe puseram pelas histórias esquentavam mais o patrão, que eu estava deitado no meio da rua, porque era homem de dar quando lhe fôr. Pascoal tínhamos medo de que o patrão viesse. Subiram de ponto esse receio e a ira do patrão, quando soube um batuque, em casa de Maria Nova, na rua da Aldeia. Chegaram os-Anjicos e o Juiz mandou prender a Pedro. Deram carco à Pedro batuque. Ah! Meu patrãozinho! O criado hostilizou qu Nã é dizer que estivesse muito armado nem por isso do sempre; e com esse ferro deu pancas. O criado cediam a o, o negro fechou a cara e ficou feito um jacaré de papo amarrado. encostou-se a uma parede. Maria Nova, a perna me deu dor, ação, apertando nos dedos um bentinho que brilhava ejava lustrosa. Chegaram a entrar na casa trazendo homens da escolta. Pedro tinha oração, e muito boa oração contra armas, caboclinho atarracado, ao entrar, escorregou no piso e caiu. Pedro Barqueiro caminhou sobre ele com aamaça da pólvora. Sé Pequeno estava escornado no chão por um bocado sangrando. Em chegar ainda assim, mas Pedro Barqueiro caiu de novo, que escaparam, é verdade, mas ficaram lá no chão gemendo. Pedro evitava andar pela cidade, onde a parecia de longe. tinha medo dele e vivia adulando-o. Um dia, moçada me contou pedindo auxílio a meu patrão para agarrar o negro. Era Pedro; mas há muitos anos vivia fugido. Já lhe disse que o patrão

TACET BOOKS

# 7 MELHORES CONTOS

---

# Afonso Arinos

EDITADO POR

August Nemo

# O Autor

Afonso Arinos de Melo Franco (Paracatu, 1 de maio de 1868 – Barcelona, 19 de fevereiro de 1916) foi um jornalista, escritor e jurista brasileiro. Filho de Virgílio de Melo Franco e de Ana Leopoldina de Melo Franco; irmão do diplomata Afrânio de Melo Franco.

"Formado em direito (1889) em São Paulo, fixou-se depois em Ouro Preto, onde lecionou história do Brasil no Liceu Mineiro e fundou a Faculdade de Direito de Minas Gerais. Tornou-se um dos fundadores da Faculdade de Direito de Minas Gerais, passando a lecionar Direito Criminal. Em sua atuação como jornalista, teve vários trabalhos publicados na Revista do Brasil e na Revista Brasileira durante a década de 1890.

Na Academia Brasileira de Letras, foi o segundo ocupante da Cadeira 40, eleito em 31 de dezembro de 1901, na sucessão de Eduardo Prado e recebido em 18 de setembro de 1903 pelo Acadêmico Olavo Bilac. Em viagem à Europa, adoeceu no navio e veio a falecer em Barcelona em 19 de fevereiro de 1916.

Suas mais importantes publicações foram: Pelo sertão (1898), Os jagunços (1898) e a coletânea de artigos Notas do dia (1900). Postumamente ainda foram publicadas: O contratador de diamantes (1917), A unidade da pátria (1917), Lendas e tradições brasileiras (1917), O mestre de campo (1918) e os contos Histórias e paisagens (1921)."

# Pedro Barqueiro

— Eu lheuento — dizia-me o Flor, quase ao chegar à Cruz de Pedra. — Naquele tempo eu era franzinozinho, maneiro de corpo, ligeiro de braços e de pernas. Meu patrão era avalentoado, temido e tinha sempre em casa uns vinte capangas, rapaziada de ponta de dedo. Eu tinha uma meia-légua, trochada de aço, que era meu osso da correia.

E, consertando o corpo no lombilho, soltou as rédeas à mula ruana, que era boa estradeira. Inclinou-se para o lado, debruçando-se sobre a coxa, e apertou na unha polegar o fogo do cigarro, puxando uma baforada de fumo.

— Estábamos, um dia, divertindo-nos com os ponteados do Adão, à viola — disse ele. — Eu estava recostado sobre os pelegos do lombilho, estendidos no chão. A rapaziada toda em roda. Pouco tínhamos que fazer e passava-se o tempo assim.

Eis senão quando entra o patrão, com aqueles modos decididos, e, voltando-se para um moço que o acompanhava, disse: — "Para o Pedro Barqueiro bastam estes meninos!" — apontando-me e ao Pascoal com o indicador; não preciso bulir nos meus peitos largos. — "O Flor e o Pascoal dão-me conta do crioulo aqui, amarrado a sedenho".

Para que mentir, patrãozinho? O coração me pulou cá dentro, e eu disse comigo — estou na unha! O Pascoal me olhou com o rabo dos olhos. Parece que o patrão queria experimentar. Éramos os mais novos dos camaradas, e nunca tínhamos servido senão no campo, juntando a tropa espalhada, pegando algum burro sumido. Eu tinha ouvido falar sempre no Pedro Barqueiro, que um dia aparecera na cidade sem se saber quem era, nem donde vinha. Cheguei uma vez a conhecê-lo e falamo-nos. Que boa peça, patrãozinho! Crioulo retinto, alto, troncudo, pouco falante e